

A saúde pública no contexto da covid-19: os sentidos sobre o SUS nos jornais capixabas

Public health in the context of covid-19: the meanings of SUS in newspapers from Espírito Santo

Salud pública en el contexto de la covid-19: los significados del SUS en los periódicos de Espírito Santo

Thalita Mascarelo da Silva

RESUMO:

Esta pesquisa tem como foco uma análise quanti-qualitativa e midiática sobre a saúde pública brasileira no contexto da pandemia da covid-19 no Espírito Santo. O objetivo consiste em identificar e analisar as matérias veiculadas sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e a produção de sentidos que emergem sobre o Sistema em 21 noticiários capixabas, durante a história recente do Brasil, no período de 01 de dezembro de 2019 a 31 de dezembro de 2021. Para isto, foi criado e desenvolvido um sistema-robô de captação de matérias na internet, o SigCovid-19, além de um formulário de preenchimento *online*, desenvolvidos pelo Observatório de Saúde na Mídia - Espírito Santo (OSM-ES). Com um *corpus* de 3.478 matérias jornalísticas, observou-se que a covid-19 apareceu em variadas editorias, com predomínio de escuta para fontes oficiais (82,3%) culminando em um enquadramento elitizado de visão de mundo nos jornais, o que enfraquece a concepção de uma opinião pública mais crítica. Constatou-se que: os princípios da Comunicação e Saúde (C&S) nos jornais aparecem de forma difusa; o SUS midiático na pandemia tem por característica uma relação dicotômica entre prezar pelos princípios jornalísticos e informar com qualidade para a população, principalmente com a influência predominante das redes sociais. Concluiu-se que o SUS consiste em um dos temas em saúde que mais padece dessa relação dicotômica. Embora seja pauta recorrente e de interesse público, o acesso à saúde nos jornais assume um viés mercadológico que privilegia a saúde privatista em consonância com o objetivo de lucro dos periódicos, o que reforça as tensões entre público x privado sobre o SUS no Brasil.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde, Pandemia COVID-19, Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT:

This research focuses on a quantitative and qualitative media analysis of Brazilian public health in the context of the covid-19 pandemic in Espírito Santo. The goal is to identify and analyze journalistic articles about the Sistema Único de Saúde (SUS) and the production of meanings that emerge about the System in 21 capixabas newspapers, during the recent history of Brazil, from December 1, 2019 to December 31, 2021. For this, a robot system for capturing material on the internet, SigCovid-19, was created and developed, as well as an online form to fill out, developed by the Observatório de Saúde na Mídia - Espírito Santo (OSM-ES). With a corpus of 3,478 news articles, it was observed that covid-19 appeared in various editorials, with a predominance of listening to official sources (82.3%), culminating in an elitist framing of the worldview in the newspapers, which weakens the conception of a more critical public opinion. It was found that: the principles of Communication and Health

(C&S) in the newspapers appear diffusely; the media SUS during the pandemic is characterized by a dichotomous relationship between valuing journalistic principles and informing the population with quality, mainly with the predominant influence of social networks. It was concluded that SUS is one of the health topics that most suffers from this dichotomous relationship. Although it is a recurring topic and of public interest, access to health in newspapers assumes a market bias that favors privatized health in line with the newspapers' profit objective, which reinforces the tensions between public and private over the SUS in Brazil.

Keywords: Communication and Health, COVID-19 Pandemic, Unified Health System.

RESUMEN:

Esta investigación se centra en un análisis mediático cuantitativo y cualitativo de la salud pública brasileña en el contexto de la pandemia de covid-19 en Espírito Santo. El objetivo es identificar y analizar artículos periodísticos sobre el Sistema Único de Salud (SUS) y la producción de significados que emergen sobre el Sistema en 21 noticieros capixabas, durante la historia reciente de Brasil, del 1 de diciembre de 2019 al 31 de diciembre de 2021. Para tanto, se creó y desarrolló un sistema robotizado de captura de material en internet, SigCovid-19, así como un formulario en línea para llenar, desarrollado por el Observatório de Saúde na Mídia - Espírito Santo (OSM-ES). Con un corpus de 3.478 artículos periodísticos, se observó que la covid-19 apareció en diversas editoriales, con predominio de la escucha de fuentes oficiales (82,3%) culminando en un encuadre elitista de la visión del mundo en los periódicos, lo que debilita la concepción de un opinión pública más crítica. Se encontró que: los principios de Comunicación y Salud (C&S) en los periódicos aparecen de manera difusa; El SUS de medios durante la pandemia se caracteriza por una relación dicotómica entre valorar los principios periodísticos y brindar información de calidad a la población, especialmente con la influencia predominante de las redes sociales. Se concluyó que el SUS es uno de los problemas de salud que más sufre por esta relación dicotómica. Aunque sea un tema recurrente y de interés público, el acceso a la salud en los periódicos adquiere un sesgo marketing que privilegia la salud privada en línea con el objetivo de lucro de los periódicos, lo que refuerza las tensiones entre lo público y lo privado en torno al SUS en Brasil.

Palabras clave: Comunicación y Salud, Pandemia COVID-19, Sistema Único de Salud.

Introdução

O Sistema Único de Saúde (SUS) é uma política pública baseada nos princípios de universalidade, integralidade e equidade, sendo direito de todo e qualquer cidadão brasileiro o acesso à saúde. Trata-se de uma conquista popular da Reforma Sanitária Brasileira que culminou em ato constitucional em 1988¹. “Inspirado em valores como igualdade, democracia e emancipação, o SUS está inserido na Constituição, na legislação ordinária e em normas técnicas e administrativas” (p. 1724)². Para que haja essa transformação em âmbito concreto, é preciso união de forças. Uma das frentes para se transformar, em coletividade, movimentos político-sociais consiste no direito à comunicação e informação, uma vez que a população irá lutar por seus direitos se tiver, primeiramente, acesso aos debates políticos vigentes. Partindo

dessa premissa, é notório a percepção da mídia como um agente social de saúde. Assim como as universidades, as escolas e outros aparelhos ideológicos, os meios de comunicação cumprem um papel de formação cultural e educacional em relação às questões de mundo, como é a saúde³.

Anterior à pandemia da covid-19, pesquisas evidenciaram como veículos jornalísticos informaram ao longo dos anos sobre o SUS. Silva e Rasesa⁴ identificaram um processo de construção discursiva de um “SUS-problema” no jornal Folha de São Paulo ao longo do ano de 2008, baseando-se em recursos linguísticos que demonstravam como os textos induziam à desconfiança e impossibilidade de melhorias no SUS. Maia, Gerhardt e Burille⁵ também concluíram, por meio de uma análise sobre as imagens escolhidas por jornais de grande circulação do Rio Grande do Sul, que a mídia explora de forma enfática os percalços do SUS, em detrimento de noticiários sobre os seus avanços. Um estudo mais recente cujo objeto foram as matérias sobre o Sistema Único de Saúde ao longo de seus primeiros 30 anos de existência ressalta como o periódico criou memórias no imaginário coletivo na formação de um “SUS midiático”, de modo que apenas uma parte do que é o SUS recebeu significado pelo jornal, distante de alcançar o seu todo⁶.

Esse contexto de representação do SUS nos jornais relaciona-se com os acontecimentos e história do SUS no país. “O fato concreto é que o SUS foi implantado, mas não se encontra consolidado” (p. 1724)², diante dessa realidade, a privatização é reforçada por meio de setores sociais-chave no Brasil, prevalecendo, assim, “um boicote passivo através do subfinanciamento público e ganha força um boicote *ativo*, quando o Estado premia, reconhece e privilegia o setor privado com subsídios, desonerações e sub-regulação” (p. 1725)². Desde 2014, os tomadores de decisão político-sociais efetivaram um golpe do capital, chancelados pela mídia, segmentos da classe média, do Parlamento e Judiciário e romperam o pacto social estabelecido no final da ditadura, sendo o desmonte do SUS um dos elementos reforçados, assim, o governo Temer deu continuidade e aprofundou a hegemonia contrária ao SUS (p. 1724)². O governo Bolsonaro, em meio à pandemia de covid-19, foi mais uma etapa de aprofundamento da crise social, econômica, política e em saúde no país.

Sendo assim, além das forças do campo da saúde, quais outras frentes são fundamentais para que se tenha mais participação social para o fortalecimento do SUS? A mídia, nesse sentido, constitui-se em um espaço privilegiado de debates que, em teoria, democratiza a garantia do acesso a informações em saúde, por isso, demanda investigação e criticidade sobre como é realizado esse trabalho, principalmente, em meio a crises sanitárias, que fazem com que a população se volte ainda mais para os meios de comunicação em busca

de informações que consideram verídicas. Dessa forma, este artigo busca apresentar um estudo documental de abordagem quanti-qualitativa, analisando as produções de sentido sobre a saúde e o SUS no contexto pandêmico nos jornais do Espírito Santo, levando em consideração: a) princípios teóricos da Comunicação e Saúde (C&S); b) a análise crítica-interpretativa das matérias jornalísticas sobre o SUS na temática da covid-19 e c) princípios teóricos e valores do jornalismo.

Metodologia

Para este estudo, foi escolhido identificar e analisar as matérias sobre covid-19 que abordassem como subtema a saúde pública. O período da coleta foi 01 de dezembro de 2019 a 31 de dezembro de 2021. Os dados de identificação da coleta contemplaram o período correspondente ao surgimento da epidemia de covid-19, em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, até a finalização de dois anos de pandemia, em dezembro de 2021.

O primeiro passo da pesquisa consistiu no mapeamento dos sites de jornais no ES. O critério escolhido foi reconhecer jornais que abrangessem todo o território capixaba, nas sete regiões: Grande Vitória, Serra, Sul, Norte, Noroeste, Nordeste e Rio Doce. Foram identificados 21 periódicos, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1. Jornais e regiões do ES

Nome do Jornal	Região a qual pertence o jornal
A Gazeta	Grande Vitória
Folha Vitória	Grande Vitória
ES Hoje	Grande Vitória
A Tribuna	Grande Vitória
Portal 27	Grande Vitória
Folha Online ES	Grande Vitória
Século Diário	Grande Vitória
Montanhas Capixabas	Serra
Jetibá Online	Serra
Notícia Capixaba	Serra
Aqui Notícias	Sul
Jornal Fato	Sul
Folha Espírito Santo	Sul
Portal Maratimba	Sul
Em Dia ES	Norte
Site Barra	Noroeste
Rede Notícia ES	Noroeste
ES Acontece	Nordeste
Site de Linhares	Rio Doce
Eu Vi Linhares	Rio Doce

Fonte: elaboração dos autores

O segundo passo, para a construção de um banco de dados sobre as matérias da pandemia, aconteceu a partir da criação do sistema-robô intitulado SigCovid-19, com o objetivo de monitorar os meios de comunicação de grande circulação da imprensa escrita do Espírito Santo. A construção dessa metodologia foi baseada em sistemas anteriores voltados para emergências em saúde como epidemias virais⁷ e desastres⁸. O sistema captou todas as matérias, dos 21 sites de jornais capixabas mapeados, cuja palavra “covid” ou “coronavírus” apareceram.

A busca no SigCovid-19 se deu a partir de uma busca personalizada inserindo a data inicial de busca: 01 de dezembro de 2019 e a data final: 31 de dezembro de 2021. Em seguida, seleciona-se “pesquisar em todas as fontes” e, depois, preencher o campo de busca com a sintaxe escolhida. Foram escolhidas e testadas oito palavras-chave que representasse a saúde pública para, em seguida, montar uma sintaxe e iniciar a pesquisa, são elas: (1) Sistema único de Saúde (SUS), (2) unidade de saúde, (3) posto de saúde, (4) hospital público, (5) hospital filantrópico, (6) leito UTI, (7) pronto socorro, (8) unidades de pronto atendimento (UPA). Após o teste no SigCovid-19, percebeu-se que “leito UTI” e “unidade de saúde” já abarcavam as notícias sobre “pronto-socorro”, “posto de saúde” e “unidades de pronto atendimento (UPA)”, por isso, uma sintaxe específica para essas buscas não foi necessária.

As sintaxes consistem na junção das palavras-chave acima com as palavras-chave covid e coronavírus. Dessa forma as buscas se deram através de seis sintaxes, sem acento, são elas: (1) Hospital AND sus OR covid OR coronavirus, (2) Hospital AND publico OR covid OR coronavirus, (3) Sistema AND unico AND saude OR covid OR coronavírus, (4) Hospital AND filantropico OR covid OR coronavírus, (5) Leito AND uti OR covid OR coronavirus, (6) Unidade AND saude OR covid OR coronavirus.

Após a identificação das matérias no SigCovid-19, o terceiro passo metodológico para a classificação das matérias sobre o SUS na pandemia, foi o desenvolvimento de um formulário de preenchimento estatístico específico para matérias jornalísticas no *Research Electronic Data Capture* (RedCap). O RedCap, para análise de matérias jornalísticas, foi adaptado a partir de um protocolo previamente estabelecido pelo Observatório de Saúde na Mídia- Espírito Santo (OSM-ES) que possui um contínuo monitoramento dos meios de comunicação capixabas⁹. Assim, definiu-se preencher no formulário RedCap o passo a passo da coleta, após leitura preliminar das matérias, com fundamento nas seguintes variáveis:

Quadro 2: Variáveis preenchidas sobre cada matéria selecionada do SigCovid-19

Dados gerais das matérias	Dados específicos das matérias
1. Fonte da matéria (nome do jornal)	1. Editoria que consta a matéria
2. Sintaxe da busca	2. Formato textual: a) Informativo; b) Serviço; c) Publicidade; d) Opinitivo
3. Data da publicação da matéria no site	3. Se opinativo, qual tipo: a) Charge; b) Carta do leitor; c) Editorial; d) Artigo; e) Coluna
4. Título da publicação	4. Edição gráfica: a) Fotografia; b) Infográfico; c) Tabela ou box; d) Ilustração; e) Vídeo; f) Áudio; g) Gráfico
5. Região territorial de abrangência da fonte	5. Caso a matéria seja oriunda de uma Agência de Notícias, especificar qual
6. Link da publicação	6. Fontes de notícias consultadas: a) Profissionais da saúde; b) Oficial (governo); c) Cidadãos; d) ONGs/Organização/Sociedade/Agência; e) Conselhos de classe e/ou sindicatos; f) Pesquisadores/Pesquisas; g) outros, citar qual

Fonte: elaboração dos autores

Seguindo os passos relatados, a primeira etapa pós instrumentalização do Sigcovid-19 e RedCap consistiu na coleta das matérias jornalísticas em 21 sites de jornais capixabas relacionando a saúde pública com a covid-19. A busca foi efetivada e os dados cadastrados na plataforma de cruzamento de dados para que a etapa da análise pudesse ser iniciada, de forma quanti-qualitativa. A análise dos dados ocorreu fundamentada na análise de conteúdo conforme preconizada por Bardin¹⁰, a partir da categorização dos dados para melhor interpretação analítica. Assim, iniciou-se uma pré-análise dos dados, a qual incluiu a seleção das notícias que continham a temática da covid-19 a partir das sintaxes envolvendo o SUS; a

leitura flutuante dessas notícias; e a organização do material a partir da seleção de números e trechos mais relevantes.

Na segunda etapa ocorreu a exploração do material. Trata-se da etapa na qual os dados foram incluídos nas categorias criadas a priori pelos pesquisadores. Tais categorias foram fundamentadas no aparato teórico de abordagem em C&S, e estabelecidas: 1) A Comunicação e a Informação em Saúde nos jornais; 2) o SUS midiático na pandemia. Já a terceira etapa, que ocorreu de forma paralela à segunda, inclui a discussão de elementos quantitativos e de trechos das notícias selecionadas nas categorias, auxiliada por teorias e os contextos identificados que embasam a interpretação e inferências dos resultados. Tais categorias são apresentadas junto à análise quanti-qualitativa.

A Comunicação e a Informação em Saúde nos jornais

Com a aplicação da metodologia acima descrita, totalizaram-se 3478 notícias no período do estudo nos periódicos analisados, conforme tabela a seguir.

Tabela 1: amostra geral da pesquisa

Resultados da pesquisa no sistema-robô SigCovid-19			
Sintaxes sobre saúde pública nos jornais	Resultados da busca (amostra)	Matérias Cadastradas (<i>corpus</i>)	Matérias não cadastradas (descarte)
Hospital AND sus OR covid OR coronavirus	834	375	459
Hospital AND publico OR covid OR coronavirus	1.721	265	1.456
Sistema AND único AND saude OR covid OR coronavirus	2.727	864	1.863
Hospital AND filantropico OR covid OR coronavirus	65	31	34
Leito AND uti OR covid OR coronavirus	400	237	163
Unidade AND saude OR covid OR coronavirus	6.188	1.706	4.482
Total	11.935	3.478	8.457

Fonte: elaboração dos autores

As matérias excluídas, isto é, desconsideradas após leitura e, conseqüentemente, não cadastradas no RedCap se deu devido a diversos fatores, como matérias que o sistema-robô captou ser sobre covid-19, mas que, na verdade, a palavra apenas aparecia em um link a parte,

que levava a outra matéria; matérias que não associaram o SUS com a covid19 – por exemplo, algumas que apareceram era sobre sistema penitenciário, sistema educacional, unidade escolar, etc., além de um número significativo de matérias que apareceram repetidas no SigCovid-19 e que, por isso, foram desconsideradas.

Um número significativo de matérias nos jornais capixabas relacionou a saúde pública e a covid-19. Considerando a relevância epidemiológica da doença e a importância do sistema público nesse processo, além da influência da politização da questão, a temática foi, de fato, amplamente midiaticizada. A dimensão da problemática fez com que essa nova doença se tornasse prioridade nas políticas nacionais e internacionais, tornando-se interesse público notório e, portanto, valor-chave enquanto pauta para os jornais. A informação, no sentido emancipador da prática comunicativa, pode ser um mecanismo que gera ação e efetivação de políticas públicas, sendo a forma como se constrói a informação decisiva para definir as imagens de realidade, as construções simbólicas e, conseqüentemente, as diversas possibilidades de uso dos dados¹¹.

Diversas editorias foram utilizadas para noticiar o assunto nos *sites* de jornais capixabas, ao todo, como mostra a tabela a seguir, foram 44 editorias diferentes, sendo que trinta e uma delas somaram menos de 1% das matérias, exemplificadas a seguir de forma conjunta como “Outras”. São elas: Últimas notícias, Opinião, Economia, Nacional, Artigos, Colunas, Educação, Governo ES, Justiça, Sociedade, Grande Vitória, Emprego, Especial publicitário, Local, Polícia, Conteúdo de marca, Direitos, Utilidades, Vida, Caderno especial, Mundo/Internacional, Cultura, Entretenimento, Esportes, Estilo e comportamento, Eventos, Famosos, Fala, leitor, Meio Ambiente, Notícias e Sindicato. Somadas formam um acúmulo significativo de 8,25% das matérias.

Tabela 2: Editorias as quais pautaram covid-19

Editoria dos jornais	Frequência	Porcentagem
Saúde	1258	36,17%
Geral	382	10,98%
Brasil	291	8,37%
Cotidiano	223	6,41%
Cidades	215	6,18%
Coronavírus	211	6,07%
Estado	169	4,86%
Política	150	4,31%

Destaque	122	3,51%
Saúde & Bem estar	54	1,55%
Espírito Santo	42	1,21%
Dia a dia	40	1,15%
Região	35	1,01%
Outras	286	8,25%
Total	3478	100%

Fonte: elaboração dos autores

A maioria das notícias sobre covid-19 foram incorporadas na editoria “Saúde” (1.258 matérias). Todavia, é importante ressaltar que os jornais fazem uso de variadas editorias para pautar saúde, isso evidencia o quanto o tema envolve diversos setores da sociedade. A covid-19 apareceu em editorias bastante específicas como Educação, Justiça, Cultura e Economia. E também nas mais abrangentes como Cotidiano, editorias de Opinião, Geral e Sociedade, isto é, a covid-19 apareceu como notícia em diferentes locais dos sites de jornais. Isso demonstra que o campo C&S cujo alicerce se sustenta na prerrogativa de luta do direito da população em comunicação e informação em saúde¹² é representado nos jornais de forma ampla.

Cada jornal estipula suas editorias, entretanto, existem as mais tradicionais oriundas dos jornais impressos, como as de Política, Esportes, Economia, Opinião e Cidades. No meio virtual, outras editorias passaram a ser criadas, ampliando bastante a quantidade de editorias nos sites, anteriormente inexistentes nos impressos. Como a questão da covid-19 foi uma emergência histórica, alguns jornais entenderam como importante, inclusive, criar uma editoria específica com o nome “Coronavírus”, computando um total de 211 matérias inseridas nessa editoria.

Outro elemento importante para o campo da C&S que é válido analisar nos jornais é sobre quem são os indivíduos que ganham voz nos jornais, se há ou não diversidade de saberes, ou seja, se há a inclusão de diferentes atores sociais, enquanto fontes de informações, nas discussões das matérias jornalísticas. Nos jornais, as fontes são parte fundamental da notícia e sem elas não haveria grande parte das informações disponibilizadas pelos jornais, uma vez que as fontes se tornam as referências que dão sustentabilidade à veracidade daquilo que é informado. A escolha das fontes, portanto, explica muito do posicionamento do jornal sobre as temáticas. No que diz respeito ao SUS e covid-19 nos jornais capixabas analisados, as fontes mais utilizadas foram as denominadas fontes oficiais como mostra a tabela a seguir:

Tabela 3: Fontes de notícias utilizadas pelos jornais capixabas

Fontes de notícias	Frequência	Porcentual
Oficial	2.865	82,3%
Profissional de saúde	542	15,5%
Pesquisa/Pesquisadores	378	10,8%
Cidadãos	258	7,4%
Outros	245	7,0%
ONG/Organização/Sociedade/Agência	216	6,2%
Conselhos de classe/Sindicatos	111	3,1%
Total de matérias	3.478	100%

Fonte: elaboração dos autores

Vale lembrar que a maioria das notícias são elaboradas com a consulta de mais de um desses tipos de fontes, por exemplo, há a declaração da fonte oficial, mas também há a fala de um profissional de saúde. Como pode ser observado, houve uma forte prevalência das vozes oficiais. Essa tipologia ultrapassa mais da metade das vozes recorridas: 82,3%. Fontes oficiais são aquelas condicionadas pelo Estado, ou seja, instituições que exercem poder de Estado (instituições públicas relacionadas à saúde); o profissional de saúde é uma fonte entendida como autoridade para temas da saúde, mas que fala por si, angariadas pelo cargo que ocupam. Os cidadãos comuns também foram fontes ouvidas, sobretudo àqueles que sofreram com a doença ou parentes próximos. Órgãos como Organização Mundial de Saúde (OMS) e Anvisa também apareceram com destaque, além de, principalmente, o Conselho Regional de Medicina do Espírito Santo (CRM-ES), além de pesquisas e pesquisadores, sobretudo de Universidades. Sobre a categoria outros, identificou-se aquelas fontes que não se encaixavam nessas principais, por exemplo, representantes de religiões, empresas privadas que doaram dinheiro durante a pandemia e algumas matérias de colunistas, artigos de opinião que não possuíam fontes consultadas.

Nesse cenário, ser fonte de notícias é, nessa relação profissional com os jornalistas, uma ferramenta importante para governos e autoridades, uma vez que as notícias publicadas tendem a sustentar interpretações oficiais¹³. No âmbito da saúde, o jornalismo geralmente centraliza o conteúdo nas fontes oficiais e de cunho científico e especializado. Essas fontes comumente se profissionalizam para fornecer informações à imprensa, passam a ter conhecimento da rotina dos jornalistas e do processo de produção das notícias e, assim, podem influenciar mais facilmente o trabalho jornalístico¹⁴. Todavia, ao serem privilegiadas as fontes oficiais e oficiosas, o cidadão é quase que excluído do cenário, tendo a sua representatividade anulada, enfraquecendo, também, a política de participação social no que tange o SUS, assim, quem é autorizado a falar sobre o SUS nos jornais é uma camada de elite privilegiada.

Em uma matéria do jornal *Site* de Linhares intitulada “Taxa de ocupação de leitos para covid-19 volta a crescer em Linhares”, a única fonte ouvida foi do governo: a Secretaria Municipal de Saúde. Embora seja fundamental o alerta para o aumento de leitos ocupados nos hospitais, a escolha de apenas uma fonte, a institucional, e ao longo do texto, nenhuma explicação ou cobrança maior sobre a questão, pode alarmar mais a população e não auxiliar para que mais medidas contra a covid-19 fossem desenvolvidas. Além disso, o que se viu foi uma repetição de matérias de mesmo teor nos diferentes jornais capixabas.

Dentro de uma perspectiva epistemológica voltada para os países do Sul, torna-se premente ouvir as fontes do saber chamado não científico, naquilo que Santos¹⁵ caracteriza como ecologia de saberes. Essa epistemologia não nega a importância da ciência moderna, e sim questiona o domínio da soberania institucional atual, que provoca uma imposição do conhecimento científico e sua verdade, excluindo o reconhecimento de outras formas de saber. Por exemplo, quando as notícias sobre saúde priorizaram as fontes científicas, estabeleceu-se uma relação de poder em que a força das fontes oficiais prevalece em detrimento da força das vozes dos cidadãos¹⁶, negando assim a ecologia dos saberes entre os atores envolvidos.

O colonialismo, portanto, para além de todas as dominações já conhecidas, consiste também em uma repressão epistemológica, gerado de uma relação de extrema desigualdade de saber-poder que conduz à omissão de diferentes formas de saber, preterindo outros saberes para um espaço de subalternidade¹⁷. Nessa conjuntura, torna-se cada vez mais imprescindível discutirmos a descolonização da comunicação social, mais especificamente no campo da C&S, no que diz respeito às fontes utilizadas na produção das notícias, em busca de mais diversidade, mais vozes e mais representatividade, principalmente no que diz respeito aos cidadãos comuns que são pouco lembrados nos jornais.

Trata-se de um desafio de grande monta para o jornalismo em saúde, ter uma conduta mais democrática em relação às fontes de notícias com uma descentralização da comunicação, a partir da identificação de outras vozes, além de autoridades, na produção e circulação da informação. Isso seria uma abertura para que ocorresse mais participação social nas questões promotoras de saúde, considerando os conhecimentos de diferentes grupos sociais e seus determinantes, assim ampliando a escuta das vozes periféricas¹².

Outro desafio é compreender os arredores que circunscrevem as problemáticas que surgem e os seus contextos sócio-históricos e culturais. No geral, contexto é visto como um pano de fundo, como um passado imediato do texto, no entanto, a problemática do contexto pressupõe delinear os mais diversos ângulos existentes, de modo a estimular a atenção aos

desafios da contextualização, observando, também, como o futuro faz parte dessa configuração¹⁸. “[...] Menos que um pano de fundo, contexto passa a ser um esforço de apreender ao menos parte dessas inter-relações que se apresentam em constante rearticulação no nosso agir no mundo [...]” (2017, p. 8)¹⁸.

Os contextos atravessados dizem respeito, por exemplo, ao regionalismo dos jornais, mas também há o contexto macro da pandemia que influenciou drasticamente o trabalho do jornalista, bem como a virtualidade que também acarreta consequências no modo que o jornalismo vem sendo feito. Uma das questões aponta para as relações global-local, local-regional-nacional, local-comunitário e local-global que envolvem os meios de comunicação¹⁹. Se a mídia já inerentemente esfumaça fronteiras, de espaço e de tempo, no âmbito regional estas se tornam ainda mais tênues¹⁸. O processo de globalização não extermina o local, mas interferem um no outro, simultaneamente. Como sugere Milton Santos (2002, p. 321-322): “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela”²⁰.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que o local tem suas especificidades, isto é, a capacidade de criar uma sensação de pertencimento nas pessoas, não só geográfico, mas cultural. Haesbaert²¹, autor da geografia, argumenta que ao se falar de território, não basta compreendê-lo enquanto matéria, pois a base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc. também são parte do elo que transforma um espaço vazio em um território constituído. Devido a isso, a pesquisa levou em consideração, como elemento importante, uma análise mais específica sobre os jornais capixabas, por região. O estado do Espírito Santo é composto por sete regiões, já mencionadas, são elas: Grande Vitória, Serrana, Sul, Norte, Noroeste, Nordeste e Rio Doce. Os periódicos da Grande Vitória, ou seja, da região metropolitana, demonstraram seu domínio com 35,8% das matérias em saúde pública sendo publicadas. Todavia, importante ressaltar os jornais do Sul (30,4%), principalmente o Jornal Fato e os jornais do Noroeste (24,5%), com destaque para o Site Barra.

O jornalismo regional e local cria um senso maior de comunidade – a importância, por exemplo, de Linhares ter dois jornais que publicam, essencialmente, sobre questões locais. Porém, na leitura geral das matérias se percebe o que Peruzzo¹⁹ já alertava sobre as tendências do jornalismo local, como a grande presença de *press-releases*, do jornalismo declaratório, ou seja, ancorado em fontes oficiais e uma forte ligação política com o poder local e os interesses econômicos de donos da mídia que, também, em alguma medida, evidencia-se no jornalismo como um todo. Os jornais do interior capixaba reverberam os da capital, na medida em que os jornais da Grande Vitória fazem o mesmo com os jornais nacionais, repercutindo matérias dos grandes jornais do país, a partir de suas agências e da Agência Brasil, a qual aparece nos

jornais de forma contundente. Isso pode ser explicado pelo enxugamento das redações, cada vez com menos pessoal, privilegiando-se o material já encaminhado pelos grandes jornais do país e, também, pela política de publicidade, muitas vezes financiada pelo poder político local e grandes empresas, o que enfraquece o poder dos jornais em noticiar denúncias e pautar informações de maior interesse coletivo e específico da região.

O SUS midiático na pandemia

O campo da C&S tem como identidade formadora, em uma recente área de conhecimento, irremediavelmente, considerar o SUS como parte intrínseca da sua formação constituidora. Há diferentes percepções sobre o SUS, sendo que os meios de comunicação, como já evidenciado em estudos anteriores, propagam narrativas sobre o sistema público de saúde, que, ao longo do tempo, deliberadamente ou não, podem ser entendidas como ataques recorrentes na mídia e pela mídia. Os jornais, como importantes atores sociais e políticos, fazem parte de um campo de tensões que apresenta, assim como outros setores, uma multiplicidade de perspectivas sobre o que é e o que deveria ser o sistema, mobilizando, por vezes, debates inflamados⁶.

Com o surgimento da nova doença, a importância do SUS se tornou evidente. Ao mesmo tempo em que se observou o descaso e a desorientação do governo federal negando medidas da Organização Mundial de Saúde e outros órgãos, o que refletiu diretamente nas ações do SUS no enfrentamento à pandemia, o SUS se apresentou à sociedade brasileira nos noticiários, de forma anteriormente pouco elaborada, reconhecendo sua importância como bem público e enfatizando quantas vidas puderam ser salvas e quantas, mesmo tendo um sistema universal e articulador, foram perdidas²². Isso pode ser percebido ao analisar de forma qualitativa as matérias coletadas nesta pesquisa. No *site* de jornal *Século Diário*, por exemplo, em uma matéria que resumia uma coletiva de imprensa, foi selecionada, especificamente, uma fala que indica a importância da valorização do SUS, dita pelo secretário estadual de saúde: “O SUS passou a ser bandeira de unidade nacional”, afirmou, registrando que ideias como a de privatização da saúde pública foram enfraquecidas”. O trecho, ainda, aponta contra a ideia de privatizar o sistema.

O jornal *A Gazeta* publicou uma matéria, no dia 3 de dezembro de 2020, com o título “Batalha contra o novo coronavírus deixa legado na Saúde do ES”, o qual teve como pauta o fortalecimento da saúde pública e privada no estado, com espaço para fontes oficiais e especialistas, como o secretário, à época, Nésio Fernandes, da Secretaria de Estado da Saúde

do Espírito Santo (SESA), o presidente do CRM-ES Celso Murad e a epidemiologista e professora Ethel Maciel da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Nas matérias, fica evidente o importante papel do jornalista em selecionar aquilo que foi de maior importância de toda uma entrevista com as fontes para registro no jornal, isto é, acontece frequentemente a escolha por determinadas falas em detrimento de outras na composição do que irá aparecer na matéria e o que não irá. Tais exemplos também demonstram que existe objetividade nas notícias, pois houve apuração e veracidade, ao mesmo tempo em que também conseguem correlacionar o papel do SUS e o contexto pandêmico, o que deve ser compreendido como parte do processo de subjetivação inerente das práticas comunicativas.

Há uma ausência, todavia, de estudos sobre a parte emocional da prática jornalística, muito devido aos princípios-base construídos pelo fazer jornalístico. O jornalismo, sobretudo de influência norte-americana, se consolidou sobre o fundamento da objetividade. Ou seja, o conhecimento produzido pelo jornalismo se baseia elementarmente na rigorosa observação dos fatos²³. O paradigma, portanto, consiste em um jornalismo objetivo, em que as emoções estão ausentes, o que simplifica a complexidade do trabalho feito por pessoas e para pessoas contribuindo com análises muitas vezes distantes da atividade real. Ao observar jornalistas em trabalhos estressantes, como os de coberturas de guerras, Le Cam e Ruellan²⁴ percebem que nem tudo o que acontece é doloroso, mas também pode ser motivo de prazer, criação de sentido e realização de vínculos, o que exige compreensão não apenas sobre o trabalho em si, mas também sobre as emoções permitidas pela atividade. Dessa forma, é possível, consideravelmente, traçar um paralelo com a cobertura de uma pandemia em que milhões de vidas foram perdidas.

A sociologia das emoções²⁵, diferentemente de sensacionalismo, defende que é preciso saber utilizar o lado humano emocional como forma de trabalho com as palavras, o que pode gerar conexão e não vai de encontro com a credibilidade no jornalismo. Acredita-se que o vínculo de confiança com o leitor, o qual os jornais dependem, é gerado devido a percepção de princípios jornalísticos como objetividade, neutralidade e imparcialidade, o que pode ser parte da resposta. Entretanto, o fundamental está na veracidade daquilo que é noticiado, isto é, o cerne do trabalho jornalístico está no seu método de apuração. Se as informações forem bem apuradas e verdadeiras, a credibilidade do jornalismo é alcançada.

O trabalho das emoções, segundo Bonelli²⁵ dá-se na profundidade, no esforço de sentir, de treinar-se para isso e de mostrar esse sentimento, fazendo parte do institucional. A pessoa atua sobre si mesma para se adequar ao sentimento que julga importante sentir. Para

ela, a administração institucional das emoções é uma expropriação do indivíduo porque a finalidade da representação no trabalho emocional é fazer dinheiro²⁵. No jornalismo, a quantidade de notícias que os jornalistas precisaram escrever sobre mortes por covid-19 e sobre descaso do poder político com as demandas em saúde podem causar estresse emocional. O jornalista ao tornar o texto mais estéril, até para evitar o estresse, despersonaliza-se no trabalho, preocupando-se menos com o tema abordado. Essa tentativa de despersonalização do indivíduo-jornalista em seu ambiente de trabalho causa a diminuição do sentimento, o que acarreta uma perda do significado que se atribui à interpretação do mundo e da problemática da nova doença. Perde-se autenticidade e sentimento espontâneo no texto, evidenciando o quão complexo é administrar as emoções em prol dos princípios jornalísticos nas notícias.

Tal linha de pensamento, torna-se exemplificado nos jornais capixabas. Embora de fato tenha havido uma diferenciação observável, no montante das matérias lidas e analisadas sobre o SUS, percebe-se, concomitantemente, que a maioria das matérias tem por pressupostos tais princípios, os quais tornam as notícias muito pontuais, com pouca explicação, diretas, sem oportunizar a profundidade de algumas questões sobre o SUS e a covid-19. Esse modo de fazer notícia, no contexto mais geral, dá-se no modelo capitalista de produção. Marcondes Filho²⁶ contextualiza o advento do jornalismo dentro da estrutura capitalista. “Ela (a imprensa) só existe – pelo menos nos termos que conhecemos hoje – transformando informações em mercadorias e colocando-as, transformadas, alteradas, às vezes mutiladas segundo as orientações ideológico-políticas de seus artífices, à venda”. (1984, p.22)²⁶. A principal característica é a uniformização dos textos, a superficialidade da abordagem e as poucas explicações.

Isso acontece porque a neutralidade é entendida como indicativo da “pureza” do jornalista diante dos fatos, como se o jornalista se tornasse imune a quaisquer tipos de interesses – emotivos, financeiros, políticos, etc., que poderiam comprometer a objetividade do seu relato²². Vinculado a isso, aparece o conceito de imparcialidade. Trata-se do jargão, que se ouve comumente nas redações ou entre as fontes mais acionadas pela imprensa, “ouvir os dois lados” quando houver divergências, pois, cabe ao leitor decidir qual a verdadeira²³. A imparcialidade também condiz com a ideia esclarecer uma polêmica, na qual a verdade não se dá com clareza. Guerra²³ explica que o jornalista, desse modo, chegaria mais próximo à verdade se apresentasse as versões dos fatos. Nesse caso, o princípio da imparcialidade garantiria uma síntese verdadeira, objetiva em relação ao fato, a partir das diferentes versões concorrentes²³.

A prática jornalística, em contrapartida, demonstra que os atravessamentos pelos quais o jornalista é cercado ao se deparar com um fato e transformá-lo em notícia são tantos que tornam “os dois lados” uma abordagem superficial. Isto é, a própria individualidade e influências de vida, as variadas fontes e suas visões de mundo, o posicionamento editorial do jornal no qual trabalha e, claro, o próprio fato, seja ele qual for, demanda a análise de sua complexidade enquanto fato humano-social. Como se manter imparcial, neutro, objetivo sem tornar a notícia um emaranhado uniforme de palavras que torna a informação algo simplório e sem a devida profundidade humana que os fatos e seus atravessamentos exigem? É possível compreender o trabalho jornalístico, o qual se percebe intrínseco com questões sociais e humanas da comunicação (o ato de tornar comum) e da linguística (o ato de pronunciar), no caso a informação, sem levar em consideração a emoção?

Ainda, o contexto atual insere o jornalismo na internet e isso, cada vez mais, faz com que as notícias sejam discutidas entre as pessoas nas redes sociais. No impresso, o *feedback* era inexistente, na internet é em tempo real. Frequentemente prescrições e recomendações ditas pelos jornais são desmentidas ou questionadas, o que cria insegurança nos cidadãos, por exemplo, quando o jornal enuncia uma posição contrária ou favorável em relação aos alimentos geneticamente modificados, sendo que ainda não há uma posição única sobre o assunto nem mesmo entre os cientistas e especialistas²⁷. Com a pandemia, essa questão se mostrou ainda mais evidente e de difícil solução, uma vez que a covid-19 enquanto um novo vírus em circulação tornou todo o conhecimento ainda em construção. Isso evidencia o frequente embate entre a diferença da lógica do tempo dos jornais (imediatismo) e do conhecimento científico (a longo prazo).

O papel do jornalismo é, teoricamente, ter um lado: o do interesse público. É do interesse do povo ingerir remédio sem eficácia para a covid-19? Acompanhar as polêmicas pode gerar consequências irresponsáveis, principalmente em um mundo de redes sociais. Nesse sentido, o jornalismo torna-se mais humano quando se volta ao seu papel de interesse público, inerente às sensações interpretativas as quais o momento exige, além de poder distingui-lo um pouco do caos das redes. No que tange o SUS, é importante frisar que se anteriormente à pandemia havia um consenso nas pesquisas científicas em mais repercussão para as mazelas do sistema, isso muito tem relação com uma cobertura simplista que acomete o jornalismo em busca do neutro, imparcial e objetivo. Sem espaço para a sociologia das emoções nos jornais, desconsidera-se questões fundamentais que assolam o SUS, atravessado de relações de força e de embate.

Há uma evidência de notícias rasas que somente indicam número de mortes pela doença e quantos leitos nos hospitais já estavam ocupados, como a matéria, de 12 de março de 2021 no jornal ES Hoje da Grande Vitória, intitulada “ES possui 80% de leitos de UTI para coronavírus ocupados; Vila Velha é o município com mais casos ativos”, além de haver incontáveis matérias apenas com replicações de informações do governo. Por exemplo, a notícia do Jornal Fato, em 16 de dezembro de 2020, com o título “Bolsonaro pede união a governadores na luta contra a covid-19” cujo texto é totalmente baseado somente nas falas do até então presidente.

Esse tipo de enfoque expõe que a paz selada na imprensa brasileira mostrando a importância do SUS para a população não irá vingar em um contexto sem uma grande emergência sanitária, como a covid-19. Isso é perceptível devido ao modelo de negócio dos jornais, que apesar de disponibilizarem informações de interesse público são empresas privadas que visam o lucro e em princípios jornalísticos que não dão margem para o diferente e, ainda, a pressão do tempo nos jornalistas que precisam ir atrás de fontes para todas as suas matérias do dia, dificultando uma busca mais aprofundada por mais fontes e fontes mais plurais.

Ainda, a falta de tato nos jornais sobre as múltiplas questões do SUS apenas fortalece um movimento contra o sistema, sendo que o próprio setor privado tem diversas ramificações. São grupos e não apenas um grupo de embate constante com o SUS. São grupos que almejam influenciar as políticas brasileiras para o povo, objetivando lucro em detrimento de um direito humano fundamental – o acesso à saúde. Ao mesmo tempo, esse setor tem dependência do SUS, uma vez que o campo de prática e formador dos médicos no Brasil é o SUS. A indústria farmacêutica, por exemplo, tenta sequestrar parcelas cada vez maiores de orçamento público, com a venda de medicamentos e de tecnologia. Busca firmar um modelo de SUS mais focado em hospital, mais dependente dessas tecnologias de alto custo, com a ideia de subespecialidade e na formação de médicos mais influenciados pela lógica farmacológica²⁸. São contra políticas públicas como o Programa Mais Médicos, o qual criou diversidade com médicos advindos de uma identidade minoritária e dispostos à prática médica no interior e sertões do Brasil.

Dessa forma e diante de tantos desafios, a qualidade do jornalismo em saúde não pode ser medida por valores assíncronos. Defender o SUS nos jornais é defender a democracia e isso não é escolher lado é assumir que não existe o outro lado, quando esse outro lado consiste em desmonte de políticas públicas fundamentais e na venda desenfreada de remédios mesmo que sem eficácia alguma para covid-19, por exemplo. Isso é antidemocrático e contra o povo,

portanto, não deve existir como versão em um jornal que preza pela veracidade e interesse público. “Em vez de tentar remover paixões da política, o objetivo devia ser mobilizar essas paixões na direção de promover o aparato democrático” (1999, p. 756)²⁹, o que pode, consideravelmente, ser também pensado no caso do jornalismo.

Considerações finais

A comunicação e a informação em saúde nos jornais capixabas no que tange noticiar sobre a covid-19 e a saúde pública se deu em larga escala e em diversos locais dos jornais, não apenas enquadrada em uma única editoria. Isso demonstra uma percepção da saúde como um tema que se correlaciona com diferentes setores da sociedade, como economia, política e cotidiano. Entretanto, os dados mostram como a relação histórica de predomínio de fontes oficiais nos jornais continua a prevalecer. É revelador o quanto esse sistema de escuta privilegia vozes consideradas autorizadas e negligenciam tantas outras. Que tipo de opinião pública é formada se, majoritariamente, visibiliza-se a visão de mundo de elites? É necessário pensar os processos e estratégias de Comunicação e Saúde para além de ações governamentais com fins comerciais garantidos e ocasionais.

O jornalismo vive um momento de descrédito com os leitores, que recorrem, em meio à digitalização da vida, a outras fontes de informação. Percebe-se um esforço de padronização dos jornais em atingir princípios de objetividade, neutralidade e imparcialidade, com o intuito de agradar a diferentes públicos, entretanto, as escolhas e influências humanas, individuais e coletivas, discutidas aqui e que orbitam o jornalista comprometem o uso desses princípios. É preciso uma revalorização do jornalismo, através de seus processos de apuração, checagem e filtragem, repensando o modelo de jornalismo baseado em publicidade, a fim de baseá-lo no valor que o conteúdo agrega para o leitor.

Tomada como questão social, humana e como um sistema organizado de serviços e ações, a saúde apresenta visão dupla, tanto conceitual quanto operacional, na qual interagem tanto o indivíduo quanto o coletivo, tanto o Estado quanto o mercado, tanto a dimensão pública quanto a privada. O mesmo acontece com a Comunicação e o Jornalismo, que possui como função social informar a população, ao mesmo tempo em que prioriza o lucro. E quando se analisa informação em saúde, o modelo biomédico e a valorização de ideais mercadológicos de saúde, que exaltam a saúde privada em detrimento do SUS, apresentam-se como critérios hegemônicos na visibilidade noticiosa no contexto neoliberal. Assim, há uma intensa disputa de interesses, especialmente nas dimensões econômica e

política. A defesa do SUS constitucional e do SUS proposto pela Reforma Sanitária Brasileira (RSB)² indica a necessidade de uma relação forte e contínua entre gestores, Ministério Público, conselhos de saúde e trabalhadores contra o desmonte do SUS, sendo a atuação de uma sociedade politizada fundamental e, para isso, um jornalismo mais condizente com os interesses da coletividade seria importante como parte do processo da politização e maior participação social.

Enfatiza-se, portanto, a importância de trabalhos no Brasil que investiguem a forma como a saúde pública e o SUS é representada na mídia, tanto em nível local quanto nacional, para que as análises possam ser construídas com o intuito de produzir conhecimento e propostas para uma representação que faça jus a esses serviços nas mídias. Repensar continuamente estas questões, tanto quanto procurar respondê-las, é fundamental para estabelecer mais propostas para a consolidação do SUS como patrimônio cultural e da informação em saúde como direitos verdadeiramente públicos e para o público, que dialogue com a totalidade social e seus contraditórios. Além disso, por ter tido um grande número de notícias a serem consideradas na análise, alguns critérios foram escolhidos para reflexão, principalmente editoriais, as fontes de notícias e o jornalismo local, todavia, outras questões podem ser mais exploradas para pensar o SUS em perspectivas de pesquisas futuras, como a relação entre publicidade e os jornais, além de estudos comparativos mais específicos entre os jornais.

Referências

1. Paim JS. O que é o SUS. Rio de Janeiro: SciELO-Editora FIOCRUZ; 2009.
2. Paim, JS. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2018. [acesso em 26 dez 2024]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Qg7SJFjWPjvdQjvnRzxS6Mg/?format=pdf&lang=pt>.
3. Cirino JAF, Tuzzo SA. Comunicação e saúde: mídia como agente social de saúde. In: Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2015 [acesso em 15 fev 2023]. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0235-1.pdf>.
4. Silva GM, Rasera, EF. A construção do SUS-problema no jornal Folha de S. Paulo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2013 [acesso em 06 mar 2023]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/39MMgrRqVhbwVsVFzNzQ4hN/?format=pdf&lang=pt>.
5. Maia LP, Gerhardt TE, Burille A. A influência da mídia no imaginário coletivo sobre os serviços de saúde do SUS: o exemplo das emergências de Porto Alegre. *Fazer em saúde coletiva: experiências e reflexões de jovens sanitários*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. [acesso em 06 mar 2023]. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214227/000932793.pdf?sequence=1>.
6. Machado IB. O Globo e a Produção de Memórias sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, 2020 [acesso em 06 mar 2023]; 9(2): 149-170, 2020. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/11775/7226>.

7. Antunes M, Oliveira AE, Rebouças E. Zika e publicidade: reflexões sobre comunicação de risco e emergência em saúde na perspectiva das indústrias culturais e midiáticas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 2018 [acesso em 10 mar 2023]; 20(2): 110-120, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/21236/14150>.
8. Primo PPB et al. Mining Disasters in Brazil: A Case Study of Dam Ruptures in Mariana and Brumadinho. *Case Studies in the Environment*, 2021 [acesso em 10 mar 2023]; 5(1): 1242-438, 2021. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/cse/article-abstract/5/1/1242438/117168/Mining-Disasters-in-Brazil-A-Case-Study-of-Dam>.
9. Coqueiro JM et al. Diabetes mellitus na mídia impressa: uma proposta de protocolo de coleta e classificação de dados para pesquisa. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 2018 [acesso em 10 mar 2023]; 20(2):74-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/21241/14155>.
10. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2016.
11. Breilh J. Derrota del conocimiento por la información: una reflexión necesaria para pensar em el desarrollo humano y la calidad de vida desde una perspectiva emancipadora. *Ciênc. Saúde, Coletiva*, 2000 [acesso em 10 mar 2023]; 5(1): 99-114, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MWYzPnzXxYYgLBpnrVpyxrw/?lang=es>.
12. Araújo IS, Cardoso JM. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2007. (Coleção Temas em Saúde).
13. Da Silva Darde VW, Leme FA. O papel de coesão social no jornalismo especializado: Um estudo da relação entre jornalistas segmentados em agronegócio com as fontes de informação. *Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 2018. [acesso em 10 mar 2023]; 5(1): 48-66, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10582/209209210018>.
14. Almeida BCAM. Casamento de conveniência: a relação entre fontes e jornalistas. *Comunicação & Informação*, 2010 [acesso em 12 mar 2023]; 13(2):30-40, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/81343>.
15. Santos BS. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez; 2010.
16. Oliveira-Costa MS. *Parem as máquinas! A gente não quer só comida: análise da alimentação como pauta jornalística*. Tese [Doutorado em Saúde Coletiva] – Universidade de Brasília, 2017.
17. Santos BS, Meneses MP. *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina; 2009.
18. Leal BS, Carvalho CA. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. *Famecos*, Porto Alegre, 2017 [acesso em: 03 abr 2023]; 24(3), 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495553932015.pdf>.
19. Peruzzo CMK. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2005 [acesso em: 03 abr 2023]; 26(43): 6784, 1o. sem. 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/8637/6170>.
20. Santos M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp; 2002.
21. Haesbaert R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2004.
22. Costa AM, Rizzotto MLF, Lobato LVC. Na pandemia da Covid-19, o Brasil enxerga o SUS. *Saúde debate*, 2020 [acesso em 06 mar 2023]; 44(44): 289-296, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/PbzsnQF5MdD8fgbhmbVJf9r/?format=pdf&lang=pt>.
23. Guerra JL. *Neutralidade e imparcialidade no jornalismo: da teoria do conhecimento à teoria ética*. XXII Intercom, 1999 [acesso em 05 abr 2023]; Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07f68ff516fcf5aca65a97a7910910c1.PDF>.

24. Le Cam F, Ruellan D. Émotions de journalistes. Sel et sens du métier. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 2017, [acesso em 05 abr 2023]; 33, 2017. Disponível em: http://francophonie.ch/wp-content/uploads/2019/07/PUG_livre_motions_de_journalistes.pdf.
25. Bonelli MDG. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. Cadernos Pagu, Campinas, 2004 [acesso em 05 abr 2023]; 22:357-372, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B6bYMqGqzgvqkky9JFgwyj/?format=pdf&lang=pt>.
26. Marcondes Filho C. Imprensa e capitalismo. Kairós Livraria Editora; 1984.
27. Oliveira VC. Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas impressas. Reciis –Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, 2013 [acesso em 10 mar 2023]; 6(4), 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/17324/3.pdf?sequence=2&isAllowed=y>.
28. Bueno WC. Comunicação para a saúde: a prescrição deve ir além da competência técnica. In: PESSONI, A. (Org.). Comunicação, Saúde e Pluralidade: novos olhares e abordagens em pauta. São Caetano do Sul: USCS, 6:65-85, 2015.
29. Mouffe C. Deliberative democracy or agonistic pluralism?. Social research, 1999 [acesso em 10 abr 2023]; 66(3):745-758, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40971349>.